

# O ESPECTRO

SEMANARIO POLITICO

Biblioteca Municipal de Lisboa  
 Direcção Municipal da Cultura  
 Departamento de Acção Cultural  
 Divisão da Rede de Bibliotecas  
 Biblioteca Municipal de Lisboa

## UM VERDADEIRO REI

Commemorou-se no dia 12 de Novembro uma data lugubre e dolorosa.

O ribombo tetrico do canhão, e as demonstrações officias do lucto, traduziram n'esse dia triste alguma cousa de commum com o sentir publico, que não costumam traduzir as lubricas e ruidosas festas da côrte.

Vinte e sete annos decorreram já sobre o passamento fatal d'esse bom rei, que gastou a vida em aprender o «difficil officio de reinar»; e não obstante, as lagrimas da saudade e do respeito humedecem ainda os olhos do povo, ainda resvalam sentidas nas faces dos bons cidadãos.

E' que D. Pedro V era um principe modelo, era um homem, era o que eloquentemente se diz um verdadeiro rei.

E por isso morreu! e por isso o precipitaram tão cedo nos abyssos tenebrosos da morte! e por isso tão mysteriosamente foi arremeçado para as solidões mortuarias da crypta de S. Vicente.

Que grande espirito que elle era!

Como a recordação da sua vida e do seu reinado, provoca tristes contrastes entre o presente e o passado.

No seu tempo o paço real era uma habitação modelo; no seu tempo o governo não dominava vergonhosa e fatalmente o rei!

A familia do rei podia ser o modelo de todas as familias! a casa do rei podia servir de modelo a todas as casas! o viver da familia real era salutar exemplo da vida virtuosa e digna!

N'aquelle tempo não se gastavam **milhares de contos em regias viajatas.**

Nunca as **festas da corte**, incluindo as **caçadas** contrastaram provocadora e inconvenientemente com a miseria publica!

O brilhantismo deslumbrante **dos bailes voluptuosos** jámais amesquinhou em sua obscuridade a **lampada humilde do tugurio do pobre**, que dá **luz á fome, á doença, á miseria!**

O respeito do rei pelas instituições e o amor do povo pelo rei, affirmavam que póde existir alliança entre o povo e o rei.

Um dia a desgraça feriu implacavel a capital do reino.

Uma epidemia mortifera se manifestou em Lis-

boa. A febre amarella desenvolveu-se pavorosamente.

Foi então que o verdadeiro rei se denunciou. Foi então que o bom monarcha appareceu em todo o esplendor da sua virtude!

A deshoras soava a campa do portal de uma casa hospitalar!

Quem viria a horas mortas da noite, perturbar o somno dos enfermeiros, que talvez deixassem no abandono os doentes, com medo do contagio!

Era o **rei**, que queria ver as dietas, que queria fiscalisar pessoalmente a applicação dos medicamentos, que queria confortar os enfermos, animar os que perdiam a esperanza na vida, incutir coragem a guerreiros benemeritos d'aquella lucta horrivel — os medicos e os enfermeiros!

**D. Pedro V** nascera principe, mas era homem, primeiro que tudo, e homem de bem, **seculario da religião, da virtude**, exemplo constante das santas virtudes da honra!

Hoje o paço e a côrte, parecem-se bem pouco com o que foram sob a influencia angelica de D. Estephania, sob a direcção virtuosa de D. Pedro V.

Elle não era um homem, era um anjo! Nascera principe, mas era mais popular que principesco!

Fadara-o para rei a lei do acaso, e apparecera no mundo tão cidadão como o mais illustrado e obscuro dos filhos do povo.

Como é triste e desharmonico o contraste d'aquella epocha com a d'hoje.

**Os ministros vallam pouco no seu tempo!**

O rei era então o homem que comprehendia que o seu dever, era o de ser util ao seu paiz!

Ah! como a nação te chora, D. Pedro V!

Ah! como o **Espectro**, liberal como é, respeita a tua memoria!

Contigo e contando o teu apoio, o povo podia apenas dizer que amava a monarchia!

Hoje torturado pelo despotismo e esbanjamentos, victima da tyrannia dos ministros, o povo vê na democracia uma necessidade, uma exigencia do seu bem estar!

Por isso o povo, se o Rei não muda de proceder, clamará um dia:

**Viva a liberdade! viva a democracia!**

E estará longe esse dia?

O Futuro o dirá!!!

## A Demissão do Ministro da Guerra

Pedi a sua demissão de ministro da guerra o Visconde de S. Januario, que durante a sua permanencia nos conselhos da coroa se tornou responsavel pelos enormissimos escandalos praticados pelos seus collegas.

O sr. Visconde de S. Januario, era o unico membro da actual situação a quem ainda se podia apertar a mão; os beneficios que a sua gerencia fez ao exercito resumiram-se a zero!!!!

A sahida de S. Ex.<sup>a</sup> dos conselhos da coroa faz-nos prever, que brevemente o paiz se verá livre d'essa cohorte de especuladores que o estão levando com a sua prejudicial administração para uma epocha de vergonha, aviltamento e descredito.

Fez muito bem o sr. Visconde de S. Januario em se affastar do contacto pestilento dos seus collegas, e se S. Ex.<sup>a</sup> se demorasse mais tempo nos conselhos da coroa era muito possivel, que tambem tomasse gosto pelas patifarias que elles fazem.

## Os portuguezes expulsos pelos arabes, do baixo Tungue e Meninguene

Por todos os lados se vê o nosso desprestigio, o nosso descredito, e os insultos á nossa bandeira.

Ainda hontem lamentavamos a desgraçada questão com o sultão de Marrocos, e já hoje temos que descrever um novo insulto feito a Portugal.

A questão é gravissima e obriga-nos a pedir categoricas explicações ao governo, sobre um assumpto tão importante, e que o governo tem conservado em silencio, não dando conta ao povo das negociações de Portugal com o Zanzibar.

Vamos em poucas palavras descrever o que se tem passado com as negociações de Portugal com o Zanzibar.

Em 1886 estando ainda no poder o ministerio regenerador, fizeram-se esforços para se occupar aquella bahia de Tungue, de que o Sultão de Zanzibar se assenhoreára por meio de roubo havia 40 annos.

O governo do Sultão animado pelo nosso descuido em segurarmos a fronteira septentrional de Moçambique, ia estendendo o seu dominio approximando-se sensivelmente do Ibo.

O governador de Moçambique em harmonia com as instrucções do governo regenerador poz cobro a essas correrias e sacudiu os arabes dos postos que estavam estabelecendo, e levou de novo o nosso dominio á bahia do Tungue, occupando a margem direita do rio Meninguene.

Cahi em seguida o governo regenerador, mas a nossa occupação ficou reconhecida e accete pelo governo do Sultão.

O governador de Moçambique continuou com a sua marcha para o Norte, declarando guerra ao Sultão, tomou Meninguene na margem esquerda do rio, e apresou o Kilva que levava munições de guerra a Tungue.

Depois d'estas victorias alcançadas pelas nossas armas e que eram um triumpho para Portugal, deliberou este malfadado governo progressista, que fosse entregue ao sultão o seu navio, não se tendo ultimado a guerra nem reconhecido o nosso dominio.

De forma que depois de termos alcançado victoria sobre as tropas do sultão, perdemos tudo isso devido a inepecia do actual governo, e acabamos de receber noticias que as nossas tropas e subditos tinham sido expulsos do Tungue e quem sabe mesmo se assassinados pelas tribus selvagens do Sultão de Zanzibar.

E aqui teem os nossos leitores as bellezas da administração do actual governo, que todo entregue a syndicatos e a roubos se não importa do abandono em que se encontram os subditos portuguezes.

E Sua Magestadé a deixar que o paiz continue a ser governado por homens, que nem servem para garantir os nossos direitos nas plagas africanas.

## O Presidente da Camara municipal de Lisboa

Differentes opiniões ha sobre a exoneração do sr. Fernando Palha de presidente do municipio.

A opinião do sr. Navarro, é que foi por causa da... dos esgotos!! (**rivaldades**).

A opinião do sr. José Luciano de Castro, é que foi por causa de uma informação desfavoravel do director geral do ministerio do reino na questão dos marchantes (**chifres**).

A opinião do sr. Marianno de Carvalho, é que foi por causa da fusão das duas companhias do gaz (**luvas**).

A opinião do sr. Barros Gomes é que foi por causa da muita sympathia que o sr. Palha tem pelo *petit Mozer* (**gostos romanos**).

A opinião do sr. Conde de Cabral é que foi por causa dos elevadores passarem pela Calçada do Combro (**mortaes que se levantam ás 2 horas da tarde e que não desejam ser lacomodados.**)

A opinião do Povo, é que o sr. Fernando Palha se demettiu de presidente do municipio pelos enormissimos abusos e esbanjamentos que se praticaram durante a sua gerencia.

A opinião do *Espectro* é que se deve nomear uma **comissão de syndicancia** aos actos da comissão executiva da Camara Municipal de Lisboa.

## Os reporters da infamia

A imprensa tem descido tanto n'estes ultimos annos, que nós consideramos como um melhora-mento para o paiz o eliminar-se para sempre de Portugal essa instituição que nos outros paizes se apresenta com uma seriedade propria da sua elevada missão, e que desgraçadamente entre nós só serve para apregoar o descredito e a deshonra dos

desgraçados que servem de protagonistas nas suas **infames reportagens**.

Ha dias lançamos n'este semanario o protesto energico, da nossa justa indignação pelo proceder ignobil de alguns jornaes de Lisboa, em relatarem as minuciosidades mais particulares da vida dos desgraçados, que por um desvairamento qualquer se suicidam, deixando por esse facto o caminho aberto a certos **patifes da imprensa**, para poderem penetrar nos segredos mais reconditos da sua vida, descrevendo-os em certos pasquins com umas formas tetricas, não se importando se as revelações que fazem vão ferir os filhos, os paes, os irmãos e os maridos das victimas.

A esses moralistas que entendem fazer estylo com a desgraça alheia, aconselhamos nós a que olhem para as miserias da sua vida, que se lembrem das suas esposas, das suas amantes, das suas irmãs e das suas filhas, porque é muito possivel que um dia esses entes que nós cremos lhe serão bastante queridos, se vejam ainda na tristissima condição de verem o seu nome arrastado pelo **lodaçal do aviltamento**, pelos seus collegas nas reportagens infames; e n'essa occasião é que hão de apreciar quanto é penoso á propria familia vêr descripta nos jornaes a vida de uns infelizes por quem só se devia ter muito dó, e muito respeito.

E para mostrarmos quanto foi **acanalhado** o procedimento da maioria da imprensa Lisbonense em ter feito a descripção da vida de uma desgraçada que se tornou celebre pelas suas aventuras, está em não ter attendido o justo pedido que fez um parente da suicida, para que não declarasse o nome d'ella.

E toda a imprensa de Lisboa salvo rarissimas excepções, se não importou com o pedido justo, que lhe tinha sido feito e ao qual ella tinha obrigação de attender.

Se o parente da suicida tivesse distribuido algumas libras pelos taes rabiscadores de noticias, estamos certos que teria conseguido o seu fim, pois que infelizmente entre nós a maioria dos jornalistas vendem-se a troco de qualquer cousa.

## A reconciliação sincera do sr. Emygdio Navarro com Sua Magestade El-rei!

O sr. Emygdio Navarro declarou no seu jornal as *Novidades*, que se tinha reconciliado com El-rei.

É espantoso e inaudito o arrojo e descaramento d'aquelle **maltrapilho**, em vir declarar ao paiz que se tinha reconciliado com **Sua Magestade El-rei!**

Já não bastava a este **scelerado** as **horripilantes offensas** que dirigiu em tempos a El-rei, e vem outra vez insultal-o, dizendo que Sua Magestade lhe tinha perdoado aquellas offensas, reconciliando-se com elle!

Não acreditamos que Sua Magestade El-rei se reconciliasse com o sr. Emygdio Navarro; a pseudo reconciliação de que fallam as *Novidades* resume-se apenas á **compra** que el rei **fez** do seu **redactor principal**, fazendo-lhe presente de uma pasta de ministro, que lhe tem servido para elle se enriquecer, **roubando descaradamente o palz** com **co necessidades trapacel-las**.

E aqui tem o povo em que se resume a tão fallada reconciliação do sr. Emygdio Navarro com El-rei.

**Dinhelro e mais dinhelro.**

## Nós e o sr. Oliveira do Correio

Em diversos jornaes da capital veio publicado um attestado do bom comportamento moral e civil, do sr. Eduardo Augusto Pereira, amanuense da administração do 2.º bairro, em consequencia de umas accuzações — que elle diz injustas, — que lhe fez no *Diario Popular* de 3 do corrente, o secretario da mesma administração o sr. Oliveira do *Correio*.

O sr. Oliveira do *Correio* veio attestar as suas qualidades e serviços, com uma carta dos seus amanuenses, — menos do sr. Pereira, — a qual publicou no *Diario Illustrado* de 3, tambem, do corrente.

Ora a fallar a verdade parece-nos muito para lamentar que o sr. Oliveira do *Correio* tendo um attestado honrozissimo viesse com a carta dos seus subordinados.

Pois não será mais honrozo o que se segue que é sancionado por El-rei?

Pois já que a modestia do sr. Oliveira do *Correio* o privou de dar publicidade a tão honroso documento, nós é que não queremos que os creditos do sr. Oliveira do *Correio* fiquem destruidos.

Ahi vae o attestado:

«Tendo-me presente o resultado do inquerito feito á direcção geral dos correios e postas do reino, em virtude da portaria de 6 d'abril de 1872; Vistas as disposições do art. 51.º do decreto com força de lei de 26 de Outubro de 1852 e as dos art.ºs. 41.º § unico; 42.º 71.º, 72.º, 73.º e 79.º do regulamento de 4 de maio de 1853:

Hei por bem dimittir Augusto José d'Oliveira (1.º) do logar de praticante da administração central do correio de Lisboa, para que fôra nomeado por decreto de 25 de Outubro de 1871.

O ministro e secretario d'estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 26 de junho de 1873—Rei—*Antonio Cardoso Avelino.*»

Depois d'isto escusa de vir á imprensa o sr. Pereira para cômprovar o seu comportamento e serviços.

Devemos a fineza dos apontamentos de tão honroso documento ao *Imparcial*.

# COMPANHIA DE JESUS

## CAPITULO XVII

### Dos meios a empregar para adiantar a companhia

4. Podem conservar sua benevolencia, transcrevendo de qualquer parte noticias escolhidas e as mais certas.

5. Não será pouco vantajoso manterem-se secretamente e com prudencia divisões entre os grandes e entre os principes até mesmo destruindo mutuamente seu poder. Havendo, porém, alguma apparencia de que elles se reconciliam, a companhia logo procurará conciliar-os com receio de ser accusada em demasia.

6. Deve-se em todos os modos persuadir, principalmente ao vulgo e aos grandes, que a companhia não foi estabelecida sem uma particular providencia divina, conforme as prophcias do abbade Joaquim, para exaltar a Igreja humilhada pelos herejes.

7. Logo que se tenha alcançado o favor dos grandes e dos bispos, será preciso lançar mão dos curatos e dos canonicatos, para mais exactamente se reformar o clero de qual outr'ora vivia com seus bispos debaixo de uma certa regra, e dirigia-se á perfeição. Finalmente será necessario aspirar ás abbas e ás prelazias logo que aconteça vagarem o que não será difficiloso conseguir, considerando-se a madraçaria e a estupidez dos frades; porquanto seria vantajoso á Igreja que os bispados fossem occupados pela companhia, e até mesmo a Sé Apostolica, principalmente se o papa viesse a ser principe temporal de todos os bens. E' o motivo por que se deve, pouco a pouco, mas prudentemente e em segredo, augmentar o temporal da companhia, e não se poderá duvidar ser então um século de ouro no qual se gosará de uma continua e universal paz, e por consequente a benção divina assistirá á Igreja.

8. Se não houver esperança d'isto se conseguir sem que aconteça praticarem-se escandalos, deve mudar-se de politica, conforme o tempo, e incitar todos os principes amigos dos nossos a fazerem mutuamente terrivel guerra a fim de que em toda a parte se implore o auxilio da companhia, e que o empreguem na publica reconciliação, como motivo do bem commum, para que ella seja remunerada com os principaes beneficios e dignidades ecclesiasticas.

9. Finalmente a companhia logo que tenha obtido o favor e auctoridade dos principes, diligenciará ser ao menos temida d'aquelles que lhe não querem bem.

### Peças Justificativas

#### Nota 1.

Relatorio e projecto de resolução do concelho

d'estado a respeito dos ecclesiasticos que se estabelecem na França com o titulo de padres da fé com o nome de Sagrado Coração de Jesus, e outros similhantes. Mr. Portalis foi o relator

«Ordenaram-me, disse mr. Portalis, que informasse a respeito dos ecclesiasticos, que se estabelecem na França com o titulo de padres da fé em associações conhecidas com o nome de Sagrado Coração, etc., etc., que apresentasse um projecto de resolução para dissolver todas estas congregações, e ordenar os tribunaes tirem devassa contra os individuos que persistirem em mantel-as.

«A manifesta intenção do governo consiste em conservar a util instituição das irmãs da caridade, comtanto que seus estatutos sejam verificados, e approvados e registados no concelho de estado, e que em França se não conheça outro clero, nem outras instituições religiosas mais do que aquellas estabelecidas pela concordata e suas leis organicas.

«Cingindo-me ás ordens que recebi, vou apresentar alguns factos e estabelecer alguns principios».

Aqui o relator falla da origem das ordens religiosas na christandade, dos motivos por que foram estabelecidas, e das rasões que em 1215 tinham decidido o concilio de Latrão a prohibir que se estabelecessem algumas novas; finalmente elle aponta ás infracções da corte de Roma aos decretos d'este concilio em tal assumpto; depois elle diz:

«Por uma d'aquellas inevitaveis revoluções no curso das cousas humanas, as instituições religiosas têm envelhecido e degenerado com o tempo. Até se tem observado que n'esta especie de instituições o credito não dura mais do que um século, depois precisam de alguma reforma.

«Nos vinte e quatro annos que precederam a revolução, tinham-se estabelecido em França commissões de bispos e de magistrados para restabelecer a disciplina nos mosteiros, para reunir as ordens que na sua origem tiveram o mesmo objecto, as quaes jamais podiam subsistir separadamente, para extinguir aquellas que a nada mais tendem senão a mostrarem-se incommodas ou annunciarem-se como irreformaveis; porém nenhum dos planos de reforma teve execução, ou produziu algum util effeito. A experiencia de todos os tempos tem feito conhecer que uma instituição pôde mais facilmente conservar-se proxima da violencia, do que da corrupção.

«Alem de que, sua particular tendencia e suas dominantes opinões, as alterações que acontecem nos costumes e nas idéas, abalam sempre mais ou menos as instituições que nasceram com outras idéas e com outros costumes. Não se pôde disfarçar que outro espirito havia muito tempo aquelle que tinha presidio ao estabelecimento nas diferentes ordens religiosas.

«Os ultimos fundadores tinham desenvolvido idéas mais liberaes: elles trataram mais das virtudes uteis á sociedade, do que dos exercicios de devoção e das austeridades até alli costumadas no claustro.